

GRUPO DE PESQUISA “COMUNICA – INSCRIÇÕES LINGÜÍSTICAS NA COMUNICAÇÃO”: UM TRABALHO NO LIMIAR¹

Luciana SALAZAR SALGADO, (UFSCar)²

Resumo: Este artigo apresenta o atual programa de trabalho do Grupo de Pesquisa “Comunica – inscrições linguísticas na comunicação”. Dados os lineamentos amplos, voltados ao estudo dos dispositivos comunicacionais característicos de nosso tempo, apresentamos uma especificação desse estudo, pautada pela noção de *partilha do sensível* (Rancière, 2009) e desdobrada metodologicamente na noção de *paratopia criadora* (Maingueneau, 2006), base das análises que propomos para diferentes tipos de texto que são preparados para circulação pública, marcadamente os textos que se põem como projetos criativos.

Palavras-chave: Circulação de discursos; Materialidades de inscrição; Partilha do sensível; Paratopia criadora.

Resúmen: En este artículo se presenta el actual programa de trabajo del Grupo de Investigación "Comunica - inscripciones lingüísticas en la comunicación." Dados los lineamientos generales, dirigidos al estudio de los dispositivos de comunicación característicos de nuestro tiempo, presentamos una especificación de este estudio, guiada por la idea del *reparto de lo sensible* (Rancière, 2009) y que se despliega metodológicamente en la noción de *paratopía creadora* (Maingueneau, 2006), base de los análisis que proponemos para diferentes tipos de texto que apuntan a la circulación pública, en particular los textos que se proponen como proyectos creativos.

Palabras-clave: Circulación de los discursos; Inscripción material; Reparto de lo Sensible; Paratopía creadora.

Campo, entrecampo, pesquisa

Nesta oportunidade, o artigo que propomos pretende ser um registro que raramente tem lugar na vida acadêmica: uma reflexão sobre a constituição de um Grupo de Pesquisa – nada óbvia, nada simples. No que tange ao que referimos por *oportunidade*, importa frisar o ambiente arejado e estimulante criado para a II Jornada

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Pesquisa COMUNICA, durante a II Jornada Internacional GEMInIS, na Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, de 17 a 19 de maio de 2016.

² Professora no Departamento de Letras da UFSCar, atua nos [laboratórios de linguística](#) e nas disciplinas sobre [mediação editorial](#). Participa da recém-criada linha de pesquisa *Literatura, linguagens e meios* no PPGLit/UFSCar. Trabalhou no núcleo técnico [Confraria de Textos](#), coordenando produções editoriais coletivas e na assessoria a coleções, tanto nas atividades executivas quanto nas de pesquisa e análise, do que resulta a proposta teórica sobre os [ritos genéticos editoriais](#). lucianasalazar@ufscar.br.

Internacional GEMInIS - JIG 2016 pelo grupo GEMInIS³, que, mantendo o foco temático do encontro - Entretenimento Transmídia: Conteúdos Multiplataformas –, assim se abriu para os diversos grupos em estado de pesquisa:

O formato de apresentação por **Grupo de Pesquisa** tem o intuito de divulgar os trabalhos desenvolvidos por equipes de pesquisadores, certificadas ou não pelo CNPq, de diferentes níveis de formação, que queiram estabelecer um diálogo entre diferentes grupos da área da audiovisual e da comunicação, com seus variados objetos, referenciais teóricos e metodologias de análise.

O grupo deve caracterizar-se pela pesquisa que desenvolve em conjunto, e não necessariamente precisa abordar pesquisas relacionadas à temática do evento, ou ser vinculado a uma instituição de Ensino. Não é obrigatório que o coordenador do grupo tenha a titulação de doutorado.⁴

Essa contundente opção por coletivos criativos e *em estado de pesquisa*, que não restringe a reunião a grupos hiperinstitucionalizados e lugares de fala titulados por uma única lógica, permite considerar que se privilegiam as práticas e os processos – e não as formas de medição de uma produtividade tantas vezes estéril, disfarçada de abundância. Entendemos que só assim se pode, de fato, falar em *campo*, *entrecampo* e *pesquisa*: a investigação, marcadamente a de caráter social, especialmente a de cunho comunicacional, exige um rigor que não é rigidez, que permita atravessar áreas e vertentes, entendendo que a própria delimitação dos campos é mais ou menos fluida conforme as conjunturas históricas, segundo as regras de financiamento e promoção, de acordo com as categorias que regem a distribuição de poderes.

Isso dito, registra-se a seguir a afinidade dos objetos de estudo do Grupo de Pesquisa Comunica, que se apresenta como um grupo que estuda as “inscrições linguísticas na comunicação”, e do modo de abordagem desses objetos. Nascido como grupo de estudos em 2010, assim se identificava:

³ “Vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Imagem e Som da UFSCar, onde atua na linha de pesquisa “Narrativa Audiovisual”. Para mais detalhes, veja as informações do GEMInIS no [Diretório de Grupos de Pesquisa no Brasil](http://www.geminis.ufscar.br/diretorio-de-grupos-de-pesquisa-no-brasil). O grupo desenvolve o Projeto de Pesquisa “Laboratório de Pesquisa sobre a Produção Seriada Audiovisual Brasileira para Plataformas Transmídia”, aprovado pelo Edital MCTI/CNPQ/MEC/CAPES Nº 22/2014 – Ciências Humanas, Sociais e Sociais Aplicadas.” (Cf. <http://www.geminis.ufscar.br/sobre-o-geminis>, último acesso 21 de julho de 2016)

⁴ <http://www.jig.ufscar.br/index.php/inscricao/grupo-de-pesquisa>, último acesso, 31 de julho de 2016.

Um grupo de pesquisadores que se reúne em torno de textos que pautam reflexões sobre a comunicação no mundo contemporâneo. Não necessariamente textos de comunicação, não exatamente teorias de um campo específico. A amplitude desse território parece pertinente na medida em que, estribado nas questões fundamentais da linguística, permite tratar fenômenos de língua e linguagem na sua relação com elementos extralinguísticos, investigando práticas novas, retomando conhecimentos fundadores, abordando problemáticas que se põem como cruciais não só aos pesquisadores e profissionais da linguagem, como a qualquer cidadão que assuma sua condição de partícipe na construção social e política das comunidades em que vive, isto é, sua condição irredutível de interlocutor.⁵

Líamos, àquela altura, textos que nos levassem a pensar a contemporaneidade, de modo que pudéssemos, da perspectiva dos estudos da linguagem, referir um agora-já com suas características próprias de circulação dos discursos. Por *discursos*, é preciso registrar que, em linhas gerais, o entendemos com base nisto:

O discurso não adquire sentido a não ser no interior de um universo de outros discursos, através do qual ele deve abrir um caminho. Para interpretar o menor enunciado, é preciso colocá-lo em relação com todos os tipos de outros, que se comentam, parodiam, citam... Cada gênero de discurso tem sua maneira de gerar as multiplicidades de relações interdiscursivas: um manual de filosofia não cita da mesma maneira nem se apóia nas mesmas autoridades que um animador de promoção de vendas... O próprio fato de situar um discurso em um gênero (a conferência, o jornal televisivo...) implica que ele é colocado em relação a um conjunto ilimitado de outros. (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU. *Dicionário de Análise do Discurso*, p. 172)

Portanto, entende-se que é preciso considerar um quadro epistemológico, constituído na tradição francesa da análise do discurso: i) a língua, opaca, produz sentidos conforme um jogo complexo de relações dado por conjunturas históricas; ii) a história, não-linear, define-se num confronto de acontecimentos diversos e de diferentes durações, definindo lugares de fala; iii) esses lugares, por sua vez, definem-se atualizados por sujeitos que não controlam plenamente seus dizeres, textualizando o que podem e devem dizer desses lugares, um tanto assujeitados, um tanto capazes de manobras nas injunções em que se definem. Os discursos são, dessa perspectiva, modos de dizer ligados a modos de ser.

⁵ <https://grupopesquisacomunica.wordpress.com/o-antigo-blog-2/>, último acesso 31 de julho de 2016.

Quanto à contemporaneidade, delimitamos nossa perspectiva em torno de textos que procuram periodizar a história com base numa semiologia dos objetos, isto é, num arranjo dos dispositivos técnicos conduzido pelas relações entre os homens, e também condutor da sua organização social. A título de delimitação, citamos aqui um dos autores que temos estudado desde então, o geógrafo Milton Santos, para quem “o desenvolvimento da história vai de par com o desenvolvimento das técnicas”, pois:

As técnicas se dão como famílias. Nunca, na história do homem, aparece uma técnica isolada; o que se instala são grupos de técnicas, verdadeiros sistemas. Um exemplo banal pode ser dado com a foice, a enxada, o ancinho, que constituem, num dado momento, uma família de técnicas.

Essas famílias de técnicas transportam uma história, cada sistema técnico representa uma época. Em nossa época, o que é representativo do sistema de técnicas atual é a chegada da técnica da informação, por meio da cibernética, da informática, da eletrônica. Ela vai permitir duas grandes coisas: a primeira é que diversas técnicas existentes passam a se comunicar entre elas. A técnica da informação assegura esse comércio, que antes não era possível. Por outro lado, ela tem um papel determinante sobre o uso do tempo, permitindo, em todos os lugares, a convergência dos momentos, assegurando a simultaneidade das ações e, por conseguinte, acelerando o processo histórico. (SANTOS, 2000, p. 24-25)

Trata-se da composição do *meio técnico-científico informacional*, a que corresponde a noção de *período técnico-científico informacional*, era da conjugação dos conhecimento técnicos e científicos caracterizada por sua fluidez de transmissão, estabelecendo diferentes tipos de troca produzidas por uma *tecnoesfera*, isto é, uma cobertura planetária, de diferentes densidades na interligação de pontos técnicos, que produz uma *psicoesfera*, uma certa forma de entender o mundo, de percebê-lo e, portanto, de construí-lo (ou reconstruí-lo). O que nos leva a que a apropriação da tecnoesfera se renova conforme a psicoesfera faz valerem as crenças e os valores – trata-se de um rebatimento cujo funcionamento explica o motor da história, as continuidades, as rupturas...

Nessa perspectiva, o Comunica trabalha com as questões de língua e linguagem focalizando sua inscrição material, o modo como os dizeres se formalizam e circulam, os processos de produção dos sentidos que afinal ecoam ou a que dão voz. E, em todos os trabalhos desenvolvidos no Grupo, importa conhecer os mecanismos da criação, as

estratégias de gestão autoral ou o que, nos termos do filósofo Jacques Rancière, se propõe designar por *partilha do sensível*:

Pelo termo de constituição estética deve-se entender aqui a *partilha do sensível* que dá forma à comunidade. *Partilha* significa duas coisas: a participação em um conjunto comum e, inversamente, a separação, a distribuição em quinhões. Uma partilha do sensível é, portanto, o modo como se determina no sensível a relação entre um conjunto comum partilhado e a divisão de partes exclusivas. (2009, p. 7)

Essa relação entre o singular e o coletivo – que não se traduz propriamente em um binômio, nem configura exatamente uma dicotomia – é crucial nos estudos da comunicação e, muito especialmente, nos estudos das artes comunicadas, mais intensamente no contexto da cultura remix, em que a *partilha* se confunde muitas vezes com o compartilhamento técnico, mas não necessariamente com a comunhão de valores e fins. A dificuldade em compreender, no mundo da comunicação, o que exatamente tem pregnância ou viraliza, o que fenece e o que tem longevidade, o que agrada e o que repugna reside no fato de a partilha do sensível se dar como algo experimentado em boa medida exclusivamente, numa singularidade de experiência que não se produz senão no âmbito de uma totalidade vivida com outros – sabidos e insabidos.

Decerto esses lineamentos merecem desenvolvimento. Remontam, de fato, a discussões de longa tradição, a questões de base de toda reflexão sobre criação e, portanto, sobre recriação, transcrição e as várias formas de bricolagem, reciclagem e modelismo que conferem, atualmente, traços categorizantes ao que se produz em termos comunicacionais, artísticos ou não. A seguir, nos deteremos em um aspecto implicado nessa reflexão: a gestão autoral. Esse foco se deve ao fato de todos os trabalhos desenvolvidos hoje no âmbito do Comunica terem, direta ou indiretamente, este modelo teórico-metodológico em sua base. Portanto, como um raciocínio estruturante, pareceu-nos representativo de nossas pesquisas e, assim, um registro pertinente de nossa passagem pela JIG 2016.

A gestão da autoria: condição paratópica da criação

Interessa-nos aqui compreender de que modo a identidade autoral se constrói nessa dinâmica de produção e consumo de objetos técnicos, entre os quais os textos são os que mais contundentemente põem em circulação discursos⁶. Lembremos que por *identidade autoral* referimos o que se desprende dos textos que são publicamente recebidos como *criação*. Nos termos que o linguista Dominique Maingueneau propõe, a identidade autoral se estabelece na relação que mantém com sua *encenação textual*, isto é, com o modo como se põe em cena nos textos, o que inclui os suportes de inscrição e os meios de circulação, constitutivos desses textos. Em seu estudo sobre o discurso literário, desdobrando o corpo teórico que desde 1984 vem construindo no quadro da análise do discurso, Maingueneau propõe que entendamos a autoria como “um impossível lugar”:

A *doxa* advinda da estética romântica privilegia a singularidade do criador e minimiza o papel dos destinatários, bem como o caráter institucional do exercício da literatura, sendo a instituição na maioria das vezes considerada um universo hostil à criação. É a própria estrutura do ato de comunicação literária que se vê negada dessa maneira. Contudo, para produzir enunciados reconhecidos como literários, é preciso apresentar-se como escritor, definir-se com relação às representações e aos comportamentos associados a essa condição. Claro que muitos escritores, e não os menos importantes, retiram-se para o deserto, recusando todo pertencimento à “vida literária”; mas seu afastamento só tem sentido no âmbito do espaço literário a partir do qual eles adquirem sua identidade: a fuga para o deserto é um dos gestos prototípicos que legitimam o produtor de um texto constituinte. Eles não podem situar-se no exterior de um campo literário, que, seja como for, vive do fato de não ter um verdadeiro lugar (2006, p. 89).

Observe-se que é um *impossível lugar*, e não um *não-lugar*. Os textos são escritos, circulam, são lidos, existem. E, por existirem do modo como existem, é que nos põem estas questões. Com base nisso, Maingueneau pensa a dinâmica da produção literária em três planos: um *espaço*, feito de objetos e práticas que levam os indivíduos a assumir lugares (de leitor, de escritor, de mediador...); um *campo*, em que se confrontam posicionamentos estéticos definidos, entre outras coisas, pelos gêneros de

⁶ Há discussões muito relevantes sobre a noção de texto nos estudos do discurso, nos estudos semióticos, nos estudos computacionais, entre outros campos de saber interessados na criação, na produção e na difusão de conteúdos comunicacionais. Não desenvolveremos uma revisão desses registros neste artigo; aqui, assumimos que o texto é uma unidade imaginária, consensuada numa comunidade discursiva, cujas práticas reiteradas implicam o uso de certas técnicas, às quais se conjugam certas normas, e isso é o que confere valor de texto a dados arranjos de distintas semioses.

discurso mobilizados; e um *arquivo*, isto é, uma memória discursiva que, ao mesmo tempo que se põe como herança de toda nova criação, é incessantemente refeita, retrabalhada na sua relação com cada novidade. Tripartição que pode ser finamente compreendida se consideradas as condicionantes do período técnico-científico informacional, conforme detalhamos acima.

Nessa dinâmica conjuntural em que o lugar de autor se institui como ponto nodal de uma rede – em que há pontos correlatos, como o lugar de leitor e o de editor, entre outros –, cremos ser de muito proveito pensar a autoria como *paratopia*, noção elaborada por Maingueneau no estudo dos textos literários como manifestações de um *discurso constituinte*, isto é, como um discurso não tópico, que não se ocupa de se localizar, que fala por si sem recurso a outros discursos (ou com efeito de um discurso que não recorre ao que já está estruturado, em circulação). Segundo o pesquisador,

se toda paratopia minimamente expressa o pertencimento *e* o não-pertencimento, a impossível inclusão em uma “topia”, podemos classificar os tipos de paratopia que um produtor de discurso constituinte é suscetível de explorar. A paratopia pode assumir a forma de alguém que *se encontra em um lugar que não é o seu*, de alguém que *se desloca de um lugar para outro sem se fixar*, de alguém que *não encontra um lugar*; a paratopia afasta esse alguém de um grupo (*paratopia de identidade*), de um lugar (*paratopia espacial*) ou de um momento (*paratopia temporal*). Acrescentem-se, ainda, as paratopias *linguísticas*, cruciais para o discurso literário, que caracteriza aquele que enuncia em uma língua considerada como não sendo, de certo modo, sua língua (2010, p. 161, grifos do autor).

Propõe, então, observarmos que, nessa dinâmica, a unidade do lugar de autor, ou seja, essa identidade autoral, é feita de i) aspectos pessoais (mesmo que a pessoa empírica não seja inteiramente apreensível no texto – e talvez não o seja de nenhum outro modo –, parece inegável que a vida que se leva, as relações que se cultivam, as experiências que se tem são parte inextricável da obra que se produz); ii) aspectos ligados a um reconhecimento social do pertencimento à dinâmica acima descrita (o que explica, entre outras coisas, a força do *star system*, que muitas vezes faz de textos banais verdadeiras referências culturais de uma comunidade discursiva, ou o inverso, como efeito colateral); e iii) aspectos ligados ao trabalho com o material linguístico propriamente (que decerto se dá em toda enunciação, mas que, no caso da literatura em

particular e, mais amplamente, de todo material escrito destinado a circulação pública, é a razão de ser dos textos).

Essas instâncias da unidade autoral – respectivamente *pessoa*, *escritor* e *inscritor* – se articulam num nó borromeano; logo, são indissociáveis ainda que diferenciáveis. São instâncias que se conjugam assimetricamente, conforme os espaços, campos e arquivos se articulam. E devemos pensar em termos de como se espacializam as trocas definidoras de lugares discursivos: no caso do lugar de autor, temos que uma autoria é sempre *autoria de alguma coisa*, assim como a leitura ou a edição. Faz diferença ser autor de um folheto informativo, de uma tese de doutorado, de um artigo, de uma crônica jornalística etc., assim como ser leitor de cada um desses tipos de texto ou editor de cada um deles. Práticas sociais e objetos técnicos distintos estão ligados a cada um desses tipos de texto, que se produzem cada qual num campo, onde circulam e que, ao mesmo tempo, ao circularem, constroem. E esses campos são tecidos por memórias variadas, cultivadas em cada comunidade discursiva, conforme as relações espaciais e temporais que produzem sua realidade material, que as caracterizam como uma dada formação socioespacial.

Maingueneau fala em *tropismos*, isto é, em tendências à paratopia mesmo nas textualizações de discursos que não podem se autolegitimar, que precisam recorrer a outros como fonte, mas soam como identidades ancoradas num Absoluto, efeito produzido por certas práticas características do mundo contemporâneo. Fala também em *atopia* (caso do discurso pornográfico, que existe e não pode existir ao mesmo tempo) e em *mimotopia* (caso do discurso publicitário, que duplica todos os outros como simulacro) (2010, p. 164-170).

No atual período, que referimos como técnico-científico informacional, essas relações resultam de um certo entendimento da cultura, em que a definição de fronteiras identitárias parece nunca estar dada, é função discursiva permanente. Se pensarmos, por exemplo, em como os materiais que se põem como alternativos ou marginais são hoje prontamente rotulados de “cult” e, assim, passam a pertencer à grande rede, ao sistema ou a um conjunto de sistemas de objetos amplamente consagrados, logo entenderemos a necessidade incessante de os textos, em seus fluxos, firmarem-se numa explicitação dessa dinâmica constitutiva, sob pena de se perderem no meio de tanta coisa. O que é o extraordinário num mundo em que o ordinário a todo tempo se refaz? O que faz com

que certos materiais sejam recebidos como criação e não mera reprodução do que foi criado antes, em algum outro lugar? Reunindo o que foi acima detalhado, nossa hipótese de trabalho é que a criação no período técnico-científico informacional tem a ver com o modo paratópico de gestão da textualização, uma gestão que configura os materiais textuais postos em circulação como autorais, isto é, diferenciados da massa ordinária, avolumada exponencialmente pela tecnoesfera em que se dão as trocas comunicacionais hoje.

Para estudarmos os modos como a gestão autoral funciona ao por-se em cena nos textos, tomamos o modelo de entrelaçamento das instâncias acima descritas. Em outros termos, assumimos uma metodologia de abordagem da gestão autoral que busca descrever seu funcionamento, seu regime de existência, sua pulsação na ordem do discurso⁷:

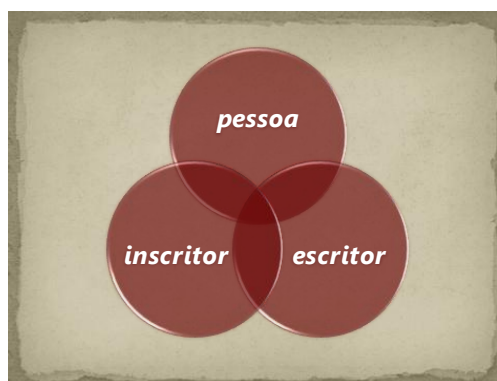


Figura 1 - Nó borromeano das três instâncias que configuram a gestão autoral (Cf. Maingeuneau, 2006).

Às condicionantes de circulação do ser empírico, dotado de uma inscrição social que o localiza como cidadão central ou marginal num sistema (ou seja, participe de esferas de decisão em alguma medida ou delas apartado, afastado, destituído), conjugam-se as demandas pelo gerenciamento do que institui uma figura pública de autor (as várias formas de retomada, como resenhas, entrevistas, anuários, antologias e

⁷ A título de delimitação dessa noção tão frequentemente retomada em vertentes variadas dos estudos discursivos, citamos Possenti: “As línguas naturais não são estruturas, mas quase-estruturas, ou, de outra maneira, as línguas naturais são sintática e semanticamente indeterminadas, no sentido de que qualquer enunciado demanda, para sua interpretação efetiva, além dos elementos da sintaxe e da semântica, uma relação ao seu contexto de produção”. (2001, p. 17)

outros expedientes de comentário e difusão) e as formas do trabalho inscricional propriamente (como se escreve, com que manobras no sistema linguístico, com que coerções de outras normas que sobre ele incidem).

Numa síntese bastante ligeira, se poderia dizer que o gesto inscricional, isto é, a tomada de palavra ou a enunciação, se se quiser, dispara a conjugação dessas três instâncias: justamente porque há um texto ensejando vida pública, é que todo o aparato de constituição desse lugar de criação ganha uma vida potencial, que pulsará em dinâmicas conjunturais específicas e, portanto, nunca modelarmente. Há diferenças entre instâncias, as autorias se configuram conforme funciona cada uma dessas instâncias.

Nesses termos, o gráfico abaixo poderia ser de um escritor iniciante, digamos. Um trabalho inscricional se põe em circulação sem que se faça acompanhar de uma farta gama de retomadas e sem que as condicionantes pessoais se imponham com vigor.



Figura 2 - Nó borromeano das três instâncias que configuram a gestão autoral de um escritor estreante, por exemplo.

Este outro gráfico poderia ser o de um escritor cujo trabalho, de grande circulação, com muitas retomadas, não configura um material inscricional posto em primeiro plano; como se comentassem mais os conteúdos de que trata ou a própria condição de autor do que a obra, seu estilo⁸, os ritos ligados a uma certa formalização da escrita.

⁸ "Estilo" é, como sabemos, um termo bastante opaco, convocado por teorias diversas em uma longa tradição de áreas afins. Aqui, remetemos a Possenti (2001), no capítulo intitulado "Notas sobre o estilo literário", pp. 183- 210.

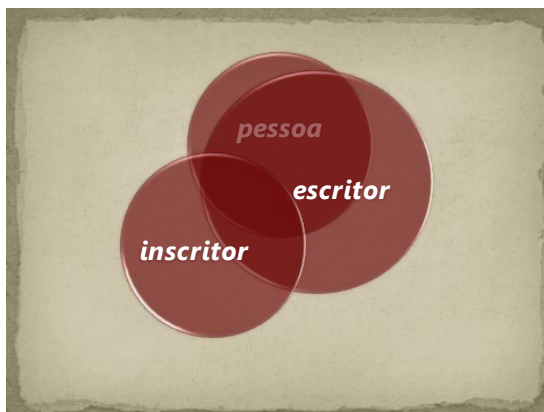


Figura 3 - Nó borromeano das três instâncias que configuram a gestão autoral de um escritor famoso, cuja obra não o é na mesma medida.

O gráfico a seguir poderia ser o de um autor cuja obra circula mais ligada a um tropismo familiar, por exemplo: o filho de alguém famoso, o marido de uma *celebrity*, ou ele próprio talvez uma *celebrity* – isto é, uma celebridade do *showbiz* –, de cuja vida muito se sabe. Eventualmente, é essa sua vida exposta que catapulta uma carreira autoral.

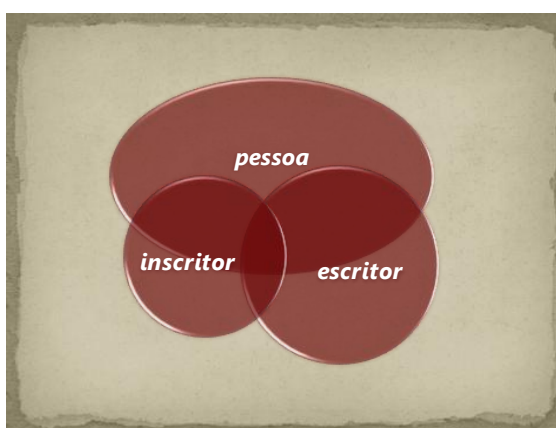


Figura 4 - Nó borromeano das três instâncias que configuram a gestão autoral de uma *celebrity*, por exemplo.

Este outro gráfico poderia registrar o achado de um texto ou de textos de alguém de cuja vida se sabe um pouco, mas não se sabia que escrevia, ou mesmo de um estudante que, em fase escolar, é chamado a desenvolver uma produção autoral e deve,

para isso, trabalhar seus ritos de inscridor, dedicando-se a dar consistência ao gesto inaugural da autoria: a textualização. Ensejaria, com essa atividade, retomadas, eventualmente o reconhecimento de sua autorialidade que, todavia, ainda não se dá.

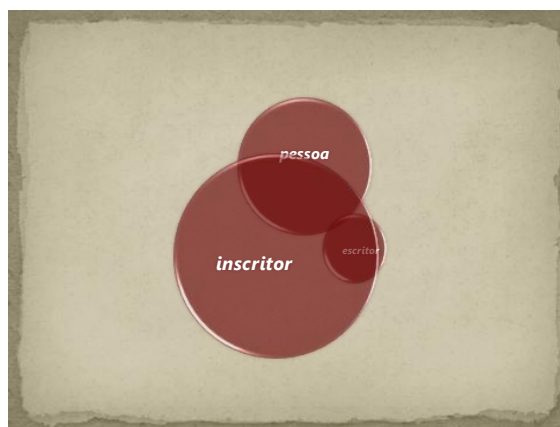


Figura 5 - Nó borromeano das três instâncias que configuram a gestão autoral de uma inscrição cuja vida pública não acumulou retomadas que a reconheçam como obra.

Certamente outros gráficos, eventualmente com sutis diferenças entre si, poderiam ser pensados. Apenas esboçamos o raciocínio que o modelo nos oferece: cabe pensar como se entrelaçam, em cada caso, essas instâncias e o que se opera em cada uma delas. Numa síntese, podemos dizer que se trata sempre de mobilizar técnicas (de escrita, de tradução, de edição, de comentário, etc.), portanto também de mobilizar normas (que, demandadas pelas atividades inscricionais, participam também das formas de retomada - entrevistas, estudos, resenhas, convites para palestras ou participação em júris, etc.) e observar como esse jogo entre técnicas e normas preside as práticas que se organizam, então, em função de gerir uma figura de autor, de *regular a figuração*, conforme Maingueneau (2006) propõe.

Considerações finais

Importa levar em consideração, por fim, que essas relações em que se viabiliza a partilha do sensível, a partir da qual o lugar de autor deve ser gerido, têm no *espaço*, no *campo* e no *arquivo*, conforme descritos acima, as condicionantes de produção, isto é,

as condições que, dadas e herdadas, conformam todo trabalho de criação de acordo com certos vetores de sensibilidade e certas matrizes de sociabilidade.

Esses vetores (acontecimentos discursivos) e essas matrizes (instituições discursivas) se materializam nos suportes de inscrição – de fato, os modos de transmissão não preexistem à criação, pois são constitutivos do modo como se diz o que se diz – e nas redes de comunicação – que, estas sim preexistentes à inscrição que a gestão autoral demanda, incluem toda sorte de ambientes em que há encontro, ou seja, em que elas são tecidas por diferentes tipos de técnica e assim distribuem poderes, portanto também valores, desenhando uma psicosfera mais ou menos favorável à criação, a certos tipos de criação, a certos tipos de trabalho que serão, afinal, reconhecidos como criação.

Estudar esse funcionamento paratópico da produção do sensível tem a ver, enfim, com algo mais complexo do que um entrecampo; é preciso, para terminar, dizê-lo com algum rigor: não se trata de trabalhar numa fronteira propriamente, ou circunscrevendo fronteiras, pois elas são, de todo modo, definições, delimitações, zonas de contato reconhecíveis. Estudar esse impossível lugar que reclama gestão, assentando-se num paradoxo estruturante, nos leva a um limiar, à soleira de uma porta, às terras de passagem, às difusas zonas de transmutação nas quais a gradação chega a sutilezas que impedem qualquer traçado localizador.

REFERÊNCIAS

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de Análise do Discurso*. Vários tradutores, coord. Fabiana Komesu. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2008.

MAINGUENEAU, Dominique. **Doze conceitos em análise do discurso**. Vários tradutores, org. Sírio Possenti. São Paulo: Parábola, 2010.

_____. **Discurso literário**. Trad. Adail Sobral. São Paulo: Contexto, 2006.

POSSENTI, Sírio. **Discurso, estilo e subjetividade**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

RANCIERE, Jaques. *A partilha do sensível – estética e política*. 2 ed. Trad. Monica Costa Netto. São Paulo: Editora 34, 2009.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização – do pensamento único à consciência universal**. 18 ed. Rio de Janeiro, São Paulo: Record, 2000.